

AUTISMO: PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO REGULAR EM UMA ESCOLA DE CAXIAS, MARANHÃO, BRASIL

AUTISM: EDUCATIONAL PRACTICES IN REGULAR EDUCATION AT A SCHOOL IN CAXIAS, MARANHÃO, BRAZIL

AUTISMO: PRÁCTICAS EDUCATIVAS EN EDUCACIÓN REGULAR EN UNA ESCUELA EN CAXIAS, MARANHÃO, BRASIL

Janete Santos Silva¹ 

Wanessa Costa dos Santos^{2*} 

Camila Braga da Conceição³ 

Cecília Regina Galdino Soares⁴ 

¹Especialista em Educação Especial/Inclusiva pela Universidade Estadual do Maranhão, Núcleo de Tecnologia para Educação (UEMANET).

²Mestre em Biodiversidade, Ambiente e Saúde pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). ³Discente do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). ⁴Professora do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Mestre em Saúde da

Criança e Adolescente pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); *Autor correspondente: wanessacostax@hotmail.com

Recebido: 19/07/2021 | Aprovado: 20/08/2021 | Publicado: 29/08/2021

Resumo: No ambiente escolar, percebe-se que ainda há dificuldade por parte dos professores para trabalhar com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Um aspecto que ainda se configura um desafio a ser vencido pelos docentes é a elaboração de práticas educativas que atraíam a atenção desses alunos e que contribuam no processo de aprendizado dessas crianças. O presente estudo tem como objetivo conhecer e compreender as práticas educativas no ensino regular para alunos autistas, levando em consideração que é um tema de suma importância para o processo de inclusão dessas crianças no contexto escolar. Como instrumento de coleta de informações, foi realizada entrevista com professores de uma escola de ensino fundamental da rede municipal da cidade de Caxias – MA, que tinham alunos autistas matriculados em suas salas de ensino regular. Evidenciou-se nos relatos dos professores a presença de adaptações dos conteúdos em suas aulas. Esse é um aspecto positivo, pois os professores estão buscando formas para que o aluno compreenda o assunto repassado. Constatou-se também que os professores não têm recebido nenhuma capacitação oferecida pela escola ou pelo município para trabalhar com alunos autistas. Pode-se notar que nesse ponto a escolar regular está deixando a desejar. Verifica-se a necessidade de novas investigações sobre o tema em questão, visto que há uma busca por práticas educativas e metodologias que envolvem o ato de ensinar alunos autistas.

Palavras - Chaves: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão. Ensino Fundamental.

Abstract: In the school environment, it is clear that there is still difficulty for teachers to work with students with Autistic Spectrum Disorder (ASD). One aspect that still represents a challenge to be overcome by teachers is the elaboration of educational practices that attract the attention of those students and that helps in the learning process of these children. The objective of this study is to understand the educational practices in regular education for students with autism, taking into account that it is an issue of paramount importance for the process of inclusion of children in the school context. As an instrument of gathering information, was conducted interviews with teachers of a school of basic education of the municipal network of the city of Caxias - MA who had autistic students enrolled in their room of regular education. It was evidenced in the reports of teachers the presence of adaptations of content in your lessons. This is a positive aspect, because the teachers are looking for ways to ensure that the student understands the matter passed on. It was also found that teachers have not received any training offered by the school or by the municipality to work with autistic students. It may be noted that at this point the regular school is leaving much to be desired. There is a need for further research on the topic in question, since there is a search for educational practices and methodologies that involve the act of teaching students with autism.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. Inclusion. Basic Education.

Resumen: En el entorno escolar, está claro que todavía hay dificultades para que los profesores trabajen con estudiantes con Trastorno del espectro autista (TEA). Un aspecto que aún representa un desafío a superar por parte de los docentes es

el desarrollo de prácticas educativas que atraigan la atención de estos estudiantes y que contribuyan al proceso de aprendizaje de estos niños. Este estudio tiene como objetivo comprender y comprender las prácticas educativas en la educación regular para estudiantes autistas, teniendo en cuenta que es un tema de suma importancia para el proceso de inclusión de estos niños en el contexto escolar. Como instrumento de recolección de información, se realizó una entrevista a docentes de una escuela primaria de la red municipal de la ciudad de Caxias - MA, quienes tenían estudiantes autistas inscritos en sus aulas regulares. Se evidenció en los informes de los profesores la presencia de adaptaciones de contenido en sus clases. Este es un aspecto positivo, ya que los profesores están buscando formas para que el alumno comprenda la materia impartida. También se constató que los docentes no han recibido ninguna formación ofrecida por la escuela o el municipio para trabajar con estudiantes autistas. Se puede notar que en este punto falta la escuela regular. Existe la necesidad de profundizar la investigación sobre el tema en cuestión, ya que existe una búsqueda de prácticas y metodologías educativas que involucran el acto de enseñar a los estudiantes autistas.

Palabras clave: Trastorno del espectro autista. Inclusión. Enseñanza fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V (APA, 2014), o autismo é classificado como um dos Transtorno do Espectro Autista - TEA, onde há comprometimento em diversas áreas do desenvolvimento. O autismo possui características muito abrangentes, afetando os indivíduos nas áreas de interação social, comunicação e comportamento (Lemos, Salomão & Ramos-Agripino, 2014).

Sabe-se que crianças com necessidades educacionais especiais têm frequentado mais as classes regulares do que escolas especiais, no caso do autismo não é diferente, nesse sentido, é necessário que as instituições educacionais se preparem para receber esses alunos, objetivando uma inclusão eficaz.

Quando se fala em inclusão, estamos nos referindo a um tema bastante amplo. De acordo com Teles, Resegue & Puccini (2013), a inclusão é o movimento da sociedade que visa a produzir a igualdade e auxilia o sujeito a construir sua identidade pessoal e social. Levando para o âmbito escolar, inclusão é o direito a educação à todas as crianças em escolas regulares.

Existem atualmente documentos importantes que trazem princípios, políticas e práticas para pessoas com necessidades educacionais especiais, assegurando a inclusão destas no ensino regular. Dentre eles, a Declaração de Salamanca que traz em seu texto o princípio de que devem ter acesso à escola regular todos aqueles com necessidades educacionais especiais e que a mesma seja capaz de satisfazer as necessidades da criança (Brasil, 1994).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que tem como objetivo o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares (Brasil, 2008) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), que entrou em vigor em 2016. Ela é designada a assegurar e a promover o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, isso em condições de igualdade, tendo em vista à sua inclusão social. Assim, além dessas leis é preciso rever outros fatores tais como, políticas públicas e práticas pedagógicas, para que a inclusão seja uma realidade, visto que a inclusão do

aluno autista é um desafio para a escola, pois esse educando apresenta manifestações de comportamentos estereotipados e dificuldades de estabelecer relações comunicativas afetivas no contexto social.

No ambiente escolar, levando em consideração o autismo, percebe-se que ainda há dificuldade por parte dos professores para trabalhar com esse público. Um dos eixos do ensino que ainda se configura em desafio a ser vencido pelos docentes é a capacitação elaboração de práticas educativas que atraiam a atenção desses alunos e que contribua no processo de aprendizado dessas crianças. Diante disso, Cunha (2011) relata que esta lacuna ocorre devido a que grande parte desses profissionais desconhecem o autismo, o que dificulta uma prática voltada às necessidades reais dessas crianças, distanciando-se daquilo que seria de fato uma escola inclusiva.

Alguns pesquisadores vêm enfatizando o autismo em seus trabalhos: Barberini (2016) buscaram identificar se existem práticas pedagógicas diferenciadas para atender alunos diagnosticados com autismo no ensino regular. Magalhães et al. (2017) investigaram as dificuldades enfrentadas pelos professores e mediadores em sala de aula e identificaram as práticas e intervenções pedagógicas mais eficientes direcionadas para a aprendizagem de crianças autistas. Silva et al. (2020) analisaram as evidências disponíveis na literatura sobre os principais aspectos da inclusão do aluno autista no ensino básico regular.

O tema proposto nesse estudo busca conhecer as práticas educativas no ensino regular para autistas, levando em consideração que é um tema de suma importância para o processo de inclusão dessas crianças no contexto escolar e que ainda são incipientes o número de estudos com essa temática. Desta forma, questionou-se que práticas educativas são utilizadas pelos professores do ensino regular para o processo de inclusão de alunos autistas em sala de aula.

Assim, o presente estudo visa conhecer e compreender as práticas educativas dos professores que trabalham com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em classes regulares de uma escola de ensino fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Caxias, Maranhão, Brasil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa de estudo de campo, que se caracteriza como uma pesquisa que investiga e que tem a finalidade de intervir e mudar condições percebidas como transformáveis (Chizzotti, 2008). Assim, há uma busca de informações que são direcionadas a um determinado grupo de pessoas acerca do problema em estudo, para que posteriormente se possa discutir e analisar as conclusões dos dados que foram coletados.

A área de estudo foi na cidade de Caxias - MA, localizada na Mesorregião do Leste Maranhense, nordeste do Brasil. A população é de aproximadamente 155.129 habitantes (IBGE, 2010). Nesse município, o número de alunos matriculados no Ensino Fundamental, de acordo com o último censo escolar, corresponde a 27.343 estudantes, destes, 3.027 corresponde a matrículas de estudantes na Educação Especial (INEP, 2017).

A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental da rede municipal da cidade de Caxias – MA. A coleta de dados foi feita por meio da aplicação de um questionário, contendo questões abertas e fechadas relacionadas as práticas educativas dos professores da sala regular que atendiam alunos autistas.

A investigação foi feita no período de fevereiro a março de 2019, tendo como público-alvo, professores do ensino fundamental que trabalham com alunos autistas em sala regular. Eles foram assim selecionados para que se pudesse discutir sobre sua prática educativa e a inserção dos autistas em escolas inclusivas. Dessa forma, esses questionários foram aplicados aos professores em visita a essa escola. Os dados foram organizados por meio de quadro e texto discursivo. A identidade dos professores foi mantida e seus depoimentos foram identificados através de letras numeradas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente pesquisa, utilizamos como campo de estudo uma escola de ensino fundamental da rede municipal da cidade de Caxias. Nesta escola, foram entrevistados três professores que apresentaram alunos autistas matriculados em sala regular. Nos últimos anos houve um aumento significativo de ingresso de educandos autistas no ensino regular, isso devido as políticas públicas implementadas pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva que foi aprovada no ano de 2008. Nesse sentido, é necessário conhecer as práticas educativas utilizadas por professores que trabalham com esse público, justificado pelo crescimento de alunos inclusos em classes regulares.

Assim, buscando investigar a opinião dos professores sobre a inclusão de alunos com necessidades especiais nas salas regulares, foi perguntado aos entrevistados: Qual seria a percepção dos professores sobre a inserção de alunos com necessidades educacionais específicas, em especial ao autismo, em sala de aula regular?

P1: *Acho que aqueles que tem o grau mais severo não deveria ficar em sala de aula;*

P2: *Acho que foi uma iniciativa muito válida devido a integração com os ditos normais;*

P3: *Para mim não basta a inserção do aluno com necessidades na sala de aula. O professor deveria está preparado para trabalhar com este aluno.*

De acordo com os depoimentos apresentados, percebemos a existência de certa insegurança por parte dos professores em trabalhar com esse público, pois eles não se sentem preparados, assim, para incluir é necessário que os professores estejam capacitados e dispostos a efetivar esse processo. Conforme Teles, Resegue & Puccini (2013), a inclusão é o movimento da sociedade que visa a produzir a igualdade e auxilia o sujeito a construir sua identidade pessoal e social. Apesar da inclusão de pessoas com necessidades especiais ser um direito garantido por lei, o processo de inclusão tem ocorrido de forma lenta, o preconceito existente na sociedade contribui para que, ao invés de haver a inclusão, ocorra o contrário, a exclusão. Em seu trabalho, Salgado (2012) diz que, embora muitos docentes afirmem serem favoráveis à inclusão, outros alegam que a escola inclusiva seja inviável ao aluno com autismo. Isso devido ao sentimento de despreparo existentes nos professores de alunos com TEA, em relação ao contexto da sala de aula regular.

Perguntou-se: Que recursos são utilizados nas aulas para o aprendizado do aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista)? Os professores relataram:

P1: *Quem trabalha com os recursos com esse aluno é na sala de AEE.*

P2: *Material humano; Imagens e material concreto;*

P3: *O aluno com autismo necessita de recursos visuais; figuras, fotos, ilustrações. As atividades necessitam ter um mínimo de palavras e mais imagens.*

Percebe-se, ainda, a existência de professores que pensam que apenas o Atendimento Educacional Especializado (AEE) são responsáveis por elaborar, adaptar e buscar meios para que o aluno autista desenvolva suas potencialidades e habilidades, porém esse papel é do professor da sala regular. Objetivo do AEE não é substituir ou tirar o aluno da sala de aula regular (Teodoro, Godinho & Hachimine, 2016), mas deve existir uma forma de cooperação, um trabalho em conjunto, criando estratégias e elaborando recursos para que o aluno possa desenvolver suas habilidades.

Um ponto importante relatado pelos professores foi em relação a necessidade de recursos visuais para os alunos autistas. Os suportes visuais suplementaram tanto a apresentação de conteúdos e seu sequenciamento quanto a transição entre uma atividade para outra no cotidiano de aprendizagem dentro e fora da sala de aula (Banda & Grimmett, 2008). De fato, os professores devem utilizar recursos visuais e materiais concretos pois alunos com autismo necessitam desse suporte para melhorar o aprendizado. Na maioria dos casos, dificilmente o aluno autista aprende através do ensino tradicional, como aponta Silva (2007) crianças com Transtorno do Espectro autista (TEA), não aprendem pelos métodos de ensino tradicionais, e para isso é necessário que haja adaptações curriculares.

Questionou-se também: Como você planeja as aulas na turma que tem aluno com TEA?

P1: *Planejamento é um só, mas existe a adaptação das aulas;*

P2: *Planeja de forma diferenciada. A metodologia é diferenciada mas a aula é globalizada;*

P3: *Com a ajuda de outro profissional, mas devem ser planejadas com um material que facilite a criação de uma rotina.*

Faz-se necessário um planejamento específico para professores que têm aluno autista em sua sala de aula, pois, de acordo com as necessidades do aluno, o professor deve criar estratégias, adaptações, buscar recursos, procurar forma para que o aluno desenvolva e, de fato, o aprendizado seja efetivado. Conforme a Lei Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96) que traz em seu Art. 59. Inciso I “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;”. Sendo assim é importante realizar algumas adaptações curriculares dependendo da necessidade que cada aluno autista apresenta, incluindo atividades que facilitam a interação com os outros alunos da sala. Além disso, foi questionado aos professores: Existe uma adaptação dos conteúdos das aulas para o aluno autista?

P1: *Com certeza;*

P2: *Sim. Através de imagens e material concreto;*

P3: *Sim. Em todas as disciplinas.*

Todos os professores afirmaram a presença de adaptações dos conteúdos em suas aulas. Dessa forma, é um aspecto positivo, pois os professores estão buscando formas para que o aluno compreenda o assunto

repassado. Corroborando com esses achados, Gracioli & Bianchi (2014) dizem que em um ambiente inclusivo o conteúdo deve ser flexível para atender ao aluno com deficiência, no entanto, não deve ser diferente dos demais, para não ir contra a função da inclusão.

Ressalta-se que para um trabalho adequado com aluno autista o professor deve buscar recursos que facilitem a aprendizagem. Nesse sentido, o professor precisa sempre manter contato visual, estimulando a comunicação, mediando brincadeiras entre os alunos, utilizando uma linguagem simples e clara, assim como usufruindo de recursos como computadores, músicas e livros, observando o interesse da criança (Barberini, 2016). Então, cabe ao professor encontrar formas inovadoras de ensinar, adaptar e ajustar o conteúdo que está sendo estudado.

Foi investigado ainda: Que instrumentos são utilizados para avaliar a aprendizagem do aluno com TEA? Os professores relataram que os avaliam:

- P1: *Através de atividades que eles fazem; Desenvolvimento;*
- P2: *Avaliação escrita; Através do conhecimento;*
- P3: *Todas as atividades realizadas pelo aluno são formas de avaliá-los.*

De acordo os depoimentos podemos perceber que P2 e P3 avaliam seus alunos conforme eles realizam as atividades diárias, podemos inferir que é uma avaliação contínua. Dessa maneira, seria a forma mais correta de avaliá-los. Para Almeida & Almeida (2008), avaliar continuamente é mais do que oferecer múltiplos instrumentos avaliativos, é ter uma postura avaliadora e um olhar atento às singularidades do fazer de cada aluno. Assim, a avaliação contínua verifica o aluno por inteiro e não apenas no final do bimestre ou do ano, é um processo de avaliação constante. Percebe-se assim que os docentes apresentam uma forma positiva de avaliar o aprendizado do aluno da inclusão.

Quando questionado se o educando recebeu alguma capacitação na escola ou no município voltada para a atuação docente junto ao aluno com TEA, 100% dos entrevistados responderam que recebem este apoio. A capacitação dos professores é um aspecto de suma importância no contexto da escola inclusiva. Observando os dados desta pesquisa pode-se notar que nesse ponto a escolar regular está sendo insuficiente, pois todos os entrevistados afirmaram não ter recebido nenhuma capacitação oferecida pela escola ou pelo município para trabalhar com alunos autistas.

Diante disso, Magalhães et al. (2017) destacam que a maioria das escolas no Brasil, não possui no seu quadro docente professores com formação adequada para entender a inclusão e muito menos para atuar de forma pedagógica e correta na sala de aula com alunos com (TEA). Além disso, para que alunos com necessidades educacionais especiais recebam um atendimento de qualidade é necessário que haja adaptações no ambiente e ainda que todos os profissionais sejam capacitados para que a inclusão aconteça. Nesse contexto, a LDB (1996) em seu artigo 59, inciso III diz que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:
III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Por último foi perguntado: Quais os pontos positivos e as principais dificuldades em trabalhar com aluno autista? (Quadro 1).

Quadro 1: Percepção dos professores quando aos pontos positivos e as principais dificuldades em lidar com alunos com TEA.

Professores	Pontos Positivos	Dificuldades
P1	<i>O conhecimento</i>	<i>Preparar atividades diferenciadas; A adaptação</i>
P2	<i>Forma de como você compreende a família e o problema do autismo</i>	<i>Compreender; Entender</i>
P3	<i>Busca de conhecimento</i>	<i>Sem formação na área, tem sido difícil este trabalho.</i>

Fonte: Autores.

Os professores P1 e P3 relataram que o conhecimento adquirido e a busca por conhecimento são aspectos positivos ao se trabalhar com alunos autistas, e P2 diz que, a forma de compreender a família e o autismo são os pontos positivos nesse processo. Percebe-se que os professores relatam que ao se trabalhar com esse público, aprendem mais, pois existe uma busca pelo conhecimento acerca do assunto, para que assim eles possam desenvolver um trabalho satisfatório com esses alunos. Corroborando esses achados, Melo (2016) em seu trabalho os professores relataram que os pontos positivos em lecionar para crianças autistas é também o aprendizado, pois essas práticas contribuem para a formação da pessoa e causa uma reflexão quanto a prática docente.

Já as principais dificuldades relatadas por eles foram a adaptação, a dificuldade em preparar atividades diferenciadas, compreender o autismo e a questão da formação adequada para trabalhar com esses educandos. Silveira, Enumo & Rosa (2012) verificaram que ainda existe pouco preparo dos profissionais envolvidos no ensino do aluno autista, não apenas dos profissionais, mais também da participação da família com relação a inclusão. É notório que a formação adequada é um ponto chave para o processo de inclusão de alunos com TEA, visto que os docentes que não recebem capacitação específica para atuarem na educação inclusiva dificilmente vão saber lidar com esses alunos, o que acarretará favorecer a exclusão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo fornece informações importantes sobre as práticas educativas voltadas para alunos autistas, visto que o ingresso desse aluno cresceu nos últimos anos no ensino regular, devido às políticas de educação inclusiva. Neste processo, é importante conhecer como os professores vem trabalhando com este público dentro de uma perspectiva de aprendizagem efetiva.

É evidente a necessidade de elaboração de estudos com essa temática, visto que as pesquisas sobre a inclusão de alunos autistas no ensino regular ainda são incipientes, bem como a elaboração de materiais didáticos que facilite o processo de ensino e aprendizagem do discente com TEA.

Constatou-se que os professores se depararam com diversas dificuldades em trabalhar com alunos autistas. Dentre elas a formação adequada e a capacitação foram as justificativas citadas pelos entrevistados como um entrave para a efetivação do ensino e da aprendizagem.

Em relação ao planejamento, este deve ser específico para o educando com necessidades, ou seja, deve ser elaborado um Plano Educacional Individualizado - PEI, no qual abordará as necessidades, habilidades, potencialidades e futuras metas a serem alcançadas com esses alunos. Os professores desse estudo não relataram que elaboram um planejamento individualizado para seu educando autista.

Um ponto importante a ser destacado é a formação de professores. É essencial que os docentes recebam formação continuada, onde terão a oportunidade de conhecer novas formas de ensinar e aperfeiçoar os saberes necessários para uma prática docente mais inclusiva e efetiva. Cabe destacar que formação continuada deve ser oferecida pelas instituições educacionais, mas também deve ser buscada pelo professor, que conhece suas fragilidades docentes e o quanto necessita superá-las.

Adicionalmente, é necessário ressaltar a continuidade de pesquisas da natureza deste estudo. Ainda há um longo caminho a percorrer na busca de respostas às inquietações que envolve o ato de ensinar a pessoa com autismo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesse. Todos os autores estão cientes da submissão do artigo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, J. R. S., & Almeida, M. B. (2008). *O processo ensino-aprendizagem permeado pela avaliação contínua*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1516-8.pdf> Acesso: 18/Jan/2019.
- APA. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V*. (5. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Banda, D. R., & Grimmert, E. (2008). Enhancing social and transition behaviors of persons with autism through activity schedules: A review. *Education and Training in Developmental Disabilities*, 43(3), 324-333.
- Barberini, K. Y. (2016). A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 16(1), 46-55. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151903072016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17/Ago/2021
- Brasil (1994). *Declaração de Salamanca*. Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca.

Brasil (1996). Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 06/Jun/2018.

Brasil (2008). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília.

Brasil (2015). Congresso Nacional. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso: 05/Jun/2018.

Chizzotti, A. (2008). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Cunha, E. (2011). *Autismo e inclusão*. Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wark.

Graciolli, M. M., & Bianchi, R.C. (2014). Educação do autista no ensino regular: um desafio à prática pedagógica. *Nucleus*, 11(2), 125-138. <https://doi.org/10.3738/1982.2278.989>

IBGE (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=210300> Acesso em: 05/Jun/2018.

INEP (2017). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar*. Disponível em: http://www.qedu.org.br/cidade/4300-caxias/censoescolar?year=2017&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=Acesso em: 04/Jul/2018.

Lemos, E. L. de M. D., Salomão, N. M. R., & Agripino-Ramos, C. S. (2014) Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. *Revista Brasileira de Inclusão Escolar*, 20(1), 117-130. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000100009>

Magalhães, C. de J. S., Moraes, C. S., Cruz, J. G. M., & Sampaio, L. M. T. (2017). Práticas inclusivas de alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 21(2), 1031-1047. <https://doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10386>

Melo, C. C. S. (2016) *Estratégias pedagógicas direcionadas ao aluno com autismo no ensino fundamental*. (Monografia – Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Salgado, A. M. (2012). *Impasses e passos na inclusão escolar de crianças autistas e psicóticas: o trabalho do professor e o olhar para o sujeito*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil). Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/28518/R%20-%20D%20%20ANDRESSA%20MATTOS%20SALGADO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 06/dez/2018.

Silva, K. F. W. da. (2007). *Inclusão escolar de alunos com deficiência mental: possíveis causas do insucesso*. (Dissertação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil). Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17040>. Acesso em: 06/dez/2018.

Silva, M. M. F., Barros, R. P. S., Lopes, L. C. S., & Teles, M. C. (2020). A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no ensino regular. *Anais do VII Congresso Nacional de Educação*. Disponível: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA10_ID3588_28092_020215417.pdf. Acesso em: 17/ago/2021.

Silveira, K. A., Enumo, S. R. F., & Rosa, E. M. (2012). Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18(4), 695-708. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400011>

Teles, F. M., Resegue, R., & Puccini, R. F. (2013). Habilidades funcionais de crianças com deficiências em inclusão escolar: barreiras para uma inclusão efetiva. *Ciência e saúde coletiva*, 18(10), 3023-3031. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000027>

Teodoro, G. C., Godinho, M. C. S., & Hachimine, A. H. F. (2016). A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. *Research, Society and Development*, 1(2), 127-143.

